

Urbano Tavares Rodrigues

AGOSTO NO CAIRO
(1956)

Instituto Camões
Colecção Lazúli
1999

Ficha Técnica

Título: Agosto no Cairo

Autor: Urbano Tavares Rodrigues

Concepção Gráfica da Coleção: Mário Caeiro

Na Capa: Gebbs tradicional islâmico, técnica de excisão

Criação: Arq. José Alegria

Execução: Atelier Darquiterria

Edição: Instituto Camões

Impressão e Acabamento: IAG-Artes Gráficas

Depósito Legal: n.º 144841/99

ISBN: n.º 972-566-203-2

NOTA PRÉVIA

Os artigos que, no *Diário de Lisboa*, escrevi em 1956 sobre o primeiro conflito israelo-árabe no Suez, depois reproduzidos em Livro (*Jornadas na Europa*) em 1958 e agora dados à estampa neste opúsculo (*Agosto no Cairo*) enfermam de uma grave limitação, a de terem sido elaborados sob a férula da censura, que os condicionou à partida e, se bem me lembro, ainda os mutilou. De toda a maneira, correspondiam à visão de um jovem escritor, visceralmente antifascista, a quem repugnava a ditadura de Salazar e via em Nasser um representante do poder pessoal, admirador de Hitler e que para mais mandara encarcerar os Wafdistas (sociais democratas) e os comunistas.

No entanto, já a minha simpatia ia sem hesitação para a causa do povo egípcio e só a censura me coibia de a exprimir com mais força. Pouco depois, aliás, foi com a maior indignação e revolta, como a toda a gente de esquerda, que assisti aos bombardeamentos anglo-franceses a Port-Said e ao Suez, iniludível e quase derradeiro acto colonialista das grandes potências europeias. É certo que a insurreição dos independentistas de Angola e a consequente repressão portuguesa (a última e bem longa guerra colonial) deflagrariam três anos depois.

Um jornalista francês, enviado especial do *Humanité*, havia-me dito no Cairo, onde estávamos no mesmo hotel: tu queres a liberdade e a justiça unidas e eu compreendo-te, mas neste caso não vês tudo, a verdadeira posição de um homem de esquerda hoje aqui é apoiar o Nasser, porque ele neste momento encarna o Egipto e o seu destino, a sua independência.

Em 1961, no meu romance *Os Insubmissos*, voltei a falar no Médio Oriente e nos massacres do Suez; e especialmente no

meu romance *Exílio Perturbado*, de 1962, dediquei cerca de trinta páginas aos bombardeamentos de Suez e Port Said, numa perspectiva de autor profundamente, fraternalmente solidário com as vítimas do conflito.

Gostaria de que esses capítulos viessem um dia a ser conhecidos pelos povos árabes.

Urbano Tavares Rodrigues

I. ESCALA EM BEIRUTE

BEIRUTE, Agosto - Ao descer do avião em Beirute, tive a impressão aflitiva de pisar uma fogueira mal extinta. A noite espessa ardia surdamente em calor, como se do chão brotassem labaredas invisíveis, rastejando, enovelando-se junto ao solo. Uma multidão oriental rouquenha e suada atropelava-se no aeroporto. Só caras estranhas. Todavia, essa multidão era-me familiar. Já vira aquelas grenhas encaracoladas, os olhos das mulheres, húmidos e langues como os dos poemas bíblicos, os grossos e aduncos narizes semitas, os turbantes sujos dos carregadores.

Não tardei a sentir gotas de suor escorrendo-me ao longo do peito. Um instante depois a camisa empapada colava-se-me ao corpo.

Do ar, no momento da aterragem, só vira a tiara de luzes da capital do Líbano flamejando de Râs Beirute a Saint Élie e a Achrafiyé. Reconheci vagamente Minet el Hosn, Basta e Fourn ech Chebbak.

Acabei agora de jantar, ao som do *mambo* e do *cha-cha-cha*, no alto terraço de um hotel de onde se avista a baía de São Jorge e a silhueta maciça de Djami es Seraya. Apesar da música de dança, a atmosfera é soturna.

Diz-me o criado de mesa que o número de turistas ultimamente tem diminuído. Identifica os hóspedes presentes: alguns iraquianos, um negociante egípcio, dois casais libaneses, uma francesa linda como uma ave de arribada, muito despida em seda leve, o sorriso irónico e fortuito, empoleirada num tamborete do bar, a sorver coca-cola, dois americanos loiros e silenciosos, de ar preocupado, em mangas de camisa. Quase todos lêem o jornal ou as últimas notícias das agências, afixadas na parede em folhas dactilografadas.

- O Cairo já se está preparando para os primeiros exercícios contra ataques aéreos - anuncia-me imperturbavelmente, num francês impecável, um garoto anogueirado, a quem dei cinquenta piastras para me ir comprar o «Orient», e que parece um pequeno génio das «Mil e Uma Noites».

O cabeçalho da primeira página, porém, é tranquilizador: «O Egipto admite a hipótese de um compromisso sobre a utilização do canal de Suez». O coronel Nasser vai falar. Das suas palavras dependem acontecimentos gravíssimos. A opinião libanesa - segundo da sua Imprensa se depreende - reconhecendo embora, sem restrições, a soberania do Egipto sobre a zona do Canal, é favorável à moderação e à concórdia. Um extraordinário festival de música está a realizar-se em Baalbeck, na maravilhosa acrópole mutilada dos deuses fenícios, mas o Suez é o assunto que aqui domina todos os espíritos. Espera-se com ansiedade a decisão do Governo egípcio. Vive-se uma hora de angústias e conjecturas. O dia de amanhã pode ser decisivo.

Aqui estou, extenuado da viagem, e do calor, só e pensativo, na mesma cidade babélica onde há oito meses febrilmente descobri o Oriente.

Nada se repete nas nossas existências. Ainda quando os marcos não mudam, todos os regressos são falsos. Não há duas imagens iguais da mesma realidade. Hoje é a questão do Suez que dá uma cor diferente a este novo Beirute. Experiência será talvez este resíduo de todas as partidas e de todos os regressos, quer no espaço quer dentro de nós.

Há pouco, no avião da Panair do Brasil, pensava eu que experiência é a saída de uma aventura, o depósito que ela deixa. E aventura é só aquilo que põe em jogo valores sagrados - a fé, o amor - ou a vida. Sobre a corda do funâmbulo, quando o somos, a modelar em luz a nossa mesquinha existência, então é que a vida tem preço e se lhe descobre um sentido.

Quando levantei voo de Lisboa, tive primeiro a impressão de que o passado morrera, o passado meia hora antes morno ainda e tão forte que me abafava a garganta - passado que no ar se dissolveu, quando uma existência nova começou, cheia de possibilidades negras e doiradas...

Madrugada sobre Lisboa. O Tejo, ao perto, todo em azul coagulado, envolvia a cidade de nácar. Mas ao longe era uma serpente de prata, estendendo-se para nascente, para o futuro.

O avião ia quase cheio. Tipos curiosos, pouco vulgares, alguns deles, que durante a viagem vagamente sondei. É nestes intervalos da acção comprometida, como uma viagem de avião, que os homens se confiam. Anatole France afirmava, contra as normas da discrição e da elegância, que de nada o homem pode falar tão bem como de si próprio.

Das suas ambições e andanças falaram-me dois jovens arquitectos cariocas, de aspecto indolente, mas ávidos do mundo, que andam a fazer pela Europa escalas de exploração estética. Intrigou-me um senhor de meia idade, grisalho, com um sotaque exótico. Era natural da Estónia e voltava à Europa após trinta anos duros no interior do Brasil. Conquistara a «aurea mediocritas» e com ela uma chave e uma solução: o sorriso para tudo.

Outro romance. Um libanês baixo, entroncado, a barba por fazer, os lábios grossos, as mãos calosas. É maronita. Conta-me a sua infância espinhosa. Aos dezasseis anos saiu da sua aldeia, perto de Beirute, e abalou para o Pará, com meia dúzia de frases francesas por bagagem. Viveu na Amazónia, labutou, penou, aprendeu a paciência e a importância suprema de querer. Hoje é industrial de sapataria e couros. Vem a Beirute passar umas férias com a família, mais brasileiro já do que libanês. Discorre sobre política atómica, sobre a atitude de Jango Goulart, empenhado na luta contra a carestia da vida. Só uma nuvem empana o seu horizonte de

férias: o problema do Suez. Ficou alarmado com a leitura dos vespertinos de Lisboa. Vai mastigando goma confortada; de vez em quando estende o pescoço grosso para a janelinha redonda e espreita o mapa em relevo, de massa castanha, lá em baixo.

Quando teremos passado a fronteira? Não sei. Mas esta terra é Espanha, terra seca, escavada, com lagartos de água apodrecida e a geometria irregular dos austeros povoados manchegos. Num vórtice de luz imprecisa, recortam-se os gumes da serra de Gredos, emergindo do vago, sobre nódoas de verde-floresta e campos tumefactos, pintados à espátula.

O ruído das hélices extingue as conversas. Surge, por fim, a Telefónica, dominando Madrid, que nasce dos plainos ocres e desolados como o mais alto poema de uma gesta de vontade.

Quando o nosso «Bandeirante» descola de Barajas, o meu vizinho libanês troca de lugar, para se juntar à família. Ao meu lado vem então sentar-se uma rapariga toda de azul - azul-alecrim o vestido, os brincos de azul-porcelana, um casaco de malha azul-celeste. Tem um perfil grego puríssimo, a pele doirada de sol. Os cabelos muito finos, esvoaçantes, são castanhos «auburn», contrastando com as sobrancelhas negras. Parece uma encarnação de Artemisa, a deusa caçadora, virgem ativa e franca, de olhar límpido. É ela que se me dirige, desta vez, já sobre o Mediterrâneo. Voamos numa redoma de azul, desligados do mundo. As nuvens semelham colchões de arminho, onde só faltam anjos reclinados de Guido Renni, mas as suas sombras, submersas na água, parecem seres marinhos, moles e lentos, suaves como sonhos de morfina.

Ela chama-se Iulia. É súbdita turca, mas filha e neta de gregos ortodoxos, estenodactilógrafa numa companhia americana, ardente defensora da autonomia de Chipre. Exprime-se num inglês levemente cantante. Que lhe acon-

teceu em Madrid? Nada. Em Roma? Nada. E é isso que ela, lamenta. Viu Toledo, vibrou com as telas do Greco, vislumbrou a Espanha picaresca e cavaleirosa, mas ficou sempre de fora. Vinte e dois anos. Vai ansiosa por chegar a Istambul e ao mesmo tempo com pena de chegar. Tem na mão as suas cartas, ante o pano verde da vida, mas ainda não chegou a hora das grandes apostas.

Sobrevoamos os ímpetos rochosos da Córsega. Ao aterrarmos em Ciampino, Iulia, sacudida violentamente pelos poços de ar (que só nesse momento, aliás, sentimos), vomita, sem que o seu formoso rosto escultural se descomponha. Só de relance avisto o Campidoglio e a elipse de São Pedro, com a prodigiosa colonata de Bernini.

A minha pobre companheira de viagem, confortada com um licor amargo, aconselhado pelo «barman» experiente, consegue ressarcir-se do seu enjoo e, sobre o Mediterrâneo arroxado que margina a Calábria tecendo ondas morosas, já declara que lhe apetece aquelas nuvens, as que terminam em cógulo, sobre «pétalas de luz branca, como «ice-creams». Surge então uma ilha que lhe lembra uma tartaruga, num lago cerúleo, povoado de ninfeias. Desce, por fim, a jovem «viajante» no aeroporto de Yesilkoi, em Istambul, após as ilhas gregas, frémios de rocha no mar agora transformado em planície de sol, as ilhas que Pá, descuidado, ainda percorre, ensinando aos homens e às flores, na lição da sua avena, a doçura encantadora do momento fugidio.

Perdi a companhia de Iulia, mas ganhei a de Heloísa - «en tout bien tout honneur». Heloísa é a aeromoça, baianinha morena, de olhos verdes, cintura fina, dengue, alta e delgada, mas ricamente sinuosa. Já tentou ser manequim em Paris; veio do «ballet» e do teatro, sua grande paixão, para os aviões. Porquê? Espírito de aventura - responde-me. Desejo de correr mundo... E sorri. Sente-se que essa ânsia jamais a abandonará.

Depois Heloísa afasta-se. Os seus passageiros reclamam-na. É como um sacerdócio, ser-se hospedeira do ar. Anoiteceu. E eu adormeci suavemente. Até Beirute. Onde agora o presente é bem diverso. Amanhã de manhã, novamente pelos ares, rumarei ao Cairo.

II. «SÓ UM MILAGRE EVITARÁ A GUERRA»

CAIRO, Agosto - «Só um milagre evitará a guerra!» - eis a frase, excessiva no seu dramatismo, mas perturbante, que no meu primeiro dia no Egipto já várias vezes ouvi (a opinião anónima, com o ser menos responsável e, por vezes, menos consciente que as opiniões abalizadas, tem em geral o mérito da autenticidade). E não se ouve esta frase sem emoção, quando é uma mulher de 40 anos que a pronuncia com inteira dignidade, sem pânico nem recriminações, encarando, triste mas serenamente, a mobilização do marido - neste caso jornalista - e a hipótese dos filhos expostos a bombardeamentos aéreos. De todos aqueles com quem abordei o assunto - e muitos há para quem o caso do Suez é «tabu», pelo menos em conversa com estrangeiros -, de todos os que crêem na inevitabilidade de um conflito armado (expressão comentarial que mascara o horror da guerra) foi ela, essa mulher calma, corajosamente resignada, que me deu toda a sensação da tragédia que nas almas se aparelha. E, como esta vítima patética de um processo histórico, outras muitas, em Londres ou em França, atingidas já (porque estas horas de incerteza consomem a fogo lento) na pessoa dos parentes mais queridos, que partiram ou estão prestes a abalar para uma situação de perigo - outras mulheres terão neste momento o olhar velado de sombras cruéis, de dolorosos pressentimentos.

É no Cairo, porém, apesar da calma tensa que reina na cidade, que a situação apresenta o seu ângulo mais trágico e onde aquela dignidade tem maior preço. Só se conhece a importância de «estar» em determinado ponto quando nele «se está».

São as grandes comoções, individuais ou colectivas - os violentos espasmos periódicos de amor, de ódio, de orgulho, de patriotismo ou de revolta - que descarnam os homens dos seus contornos pitorescos e os identificam uns aos outros. O que se está a passar no Cairo - refiro-me à palpitação da alma colectiva - não se reveste de mistério oriental: é uma reacção própria de homens, que poderia verificar-se noutro meio, entre Chilenos ou Japoneses, entre Austríacos ou Malaíes.

O nacionalismo árabe, que chega a assumir proporções paroxísticas, é uma condição, mas igualmente um resultado de imperativos económico-sociais.

As circunstâncias, vão-nas criando os determinismos históricos. São também obra dos condutores, daqueles homens que sem determinado condicionamento não se afirmariam, mas que graças a ele surgem e nele imprimem depois a sua vontade.

Irá o coronel Nasser a Londres? Irá apenas, no caso afirmativo, levar a uma conferência, que se parece com um processo, uma clamorosa e intransigente recusa de pactuação?

O Ocidente tem, por outro lado, razões vitais, que, afirma-se, radicam na sua própria sobrevivência, para assumir uma posição firme, a menos que, sem abdicar, encontre uma fórmula viável de compreensão.

Não haverá maneira de conciliar os interesses em conflito, de poupar as susceptibilidades nacionais, já bastante comprometidas, de modo a evitar a guerra? - eis a questão que milhares de pessoas em todo o mundo hoje revolvem no espírito.

O petróleo do Médio Oriente, a economia da navegação mercante entre a Europa e a Ásia, a supremacia militar no Mediterrâneo, o destino do Norte de África - eis os quatro pontos cruciais do problema.

A resposta do presidente Gamal Abdel Nasser ao convite anglo-franco-americano para participar na Conferência de

Londres é febrilmente aguardada. Entretanto, a Síria mobiliza. Um milhão de Egípcios alista-se no Exército. Duas mil e quinhentas mulheres do canal de Suez enviam a Nasser uma mensagem de solidariedade assinada simbolicamente com uma pena molhada no sangue de uma delas. Termina hoje o prazo em que os soldados da reserva, convocados em medida de emergência, devem apresentar-se em todo o Egito às respectivas unidades.

Com o entusiasmo próprio da adolescência e com aquela ardência tumultuosa, peculiar aos Árabes, que tanto contrasta com a sua capacidade de silêncio e meditação, desfilam pelas ruas do Cairo grandes magotes de jovens impetuosos de diversas nacionalidades que, tendo participado no grande « Jamboree » de Alexandria, vão esta noite aqui reunir-se para constituírem uma espécie de união da juventude árabe.

Vi-os, em grande massa, esta tarde, num inesquecível fundo apocalíptico, que servia como de cenário ao seu encontro e juramento, sob a inclemência brutal do sol em brasa - diante da pirâmide de Chéops. Havia também um grupo de chineses muçulmanos, alguns deles com cabaías cinzentas e guarda-sóis, outros vestidos à europeia, mas abanando-se com leques. Três ou quatro americanos, navegando sobre morosos dromedários, contemplavam aquele signo, quase sobrenatural, de granito róseo. As Pirâmides: três formas geométricas, de uma nudez indizivelmente majestosa e quase assustadora, três imensos sinais cabalísticos, que o Tempo ali deixou, em testemunho de suprema grandeza, para sempre enigmaticamente no domínio candente das areias...

Eu já fora, de fugida, explorar a Esfinge, cujo monstruoso olhar parado, vagamente sorrindo sobre o rolar dos séculos, ainda agora estou vendo na estranha face destruída, mofando de todas as esperanças e ambições. Vinha de regresso às Pirâmides num cavalo alugado, por entre rolos de poeira e a

horda dos guias descalços e dos magros albornozes e calotas alternando com turbantes e tarbuches, quando estaquei perante a imagem autêntica do mundo árabe em marcha. Eram os rapazes do «Jamboree», todos de uniforme, como uma onda do presente rebentando no deserto adormecido. Um deles subira ao alto da pirâmide, de onde, suscitando aclamações, soltava brados que não pude compreender, e já outros lhe seguiam o exemplo, pulando decididamente de bloco em bloco. Alguém, com pronúncia americana perguntou, a meu lado, a um dos jovens qual era a sua nacionalidade. «Sírio» - respondeu ele, mas, abraçando num gesto a totalidade dos companheiros, acrescentou: «Somos todos árabes!» Como eu o escutava com manifesta curiosidade, ele, aproximando-se do cavalo, perguntou, sorridente:

- Do you speak english?

Cansado como estava e instigado pelo calor ao egoísmo do menor esforço, respondi-lhe:

- Je parle français.

Tive então o choque de o ver suspender o sorriso e afastar-se, sem mais uma palavra.

Passei parte da manhã nas antecâmaras do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Departamento de Informações, abertos ao domingo, como é de uso nos países árabes. A minha primeira visão da antiga cidade mágica dos califas, capital da moderna república do Egipto, foi a de uma grande metrópole levantina no seu habitual alvoroço. Acolhido com cortesia pelas entidades oficiais, foram-me concedidas facilidades para o exercício da minha missão jornalística.

A opinião nalguns meios lucidamente optimistas é a de que não haverá guerra. Simples «bluff» das nações ocidentais? A Inglaterra e a França jogariam assim, na carta da intimidação, uma vaza perigosa, pois o gesto disparado vai às vezes além da intenção. Mas como estalaria o conflito -

perguntam alguns comentadores - se o Egipto não impede no Suez a passagem de nenhum navio e consente o pagamento dos direitos em várias divisas? Pode, é claro, admitir-se a hipótese de uma concentração das frotas anglo-francesas diante de Alexandria e de um «ultimatum» ao Egipto. O certo é que o povo egípcio tomou a ameaça a sério e está-se preparando apaixonadamente para a hipótese da luta.

A diplomacia franco-britânica situa o problema do Suez no futuro e numa perspectiva universal: não lhe basta a promessa de um homem, sujeito como todos os mortais a sobressaltos de humor. Exige a fiscalização internacional. A imprensa egípcia, apoiando o Governo; contesta a validade de uma conferência, cujos membros teriam sido convocados «arbitrariamente, ao bel-prazer de duas nações economicamente afectadas pela nacionalização do Canal».

A atmosfera é de expectativa. No Hotel Continental, onde jornalistas de vários pontos do mundo se reúnem no bar e no «grill-room», debatem-se pontos de vista e aventuram-se previsões. Mas o que perturba fundamentalmente uns e outros, com ideias mais ou menos assentes sobre o caso, é a incógnita angustiante: «Haverá ou não haverá guerra?»

Entretanto, a grande cidade pulsa. À noite, estende-se a feira aérea do néon sobre os terraços e os milhares de minaretes e sobre a farândola das pomposas ruas mediterrânicas, onde todos os estilos turbilhonam. Pelas ruas o movimento ensurdecido continua. A cidade transpira, com trinta e nove graus à sombra. Só nos jardins, onde as brancas «djelabas» dos pobres vão estender-se, se antolham recantos umbrosos. Ou nas margens do Nilo, agora alto e vermelho. Nos grandes hotéis, tocam orquestras nos «roofs», mas falta nas pistas desertas o arabesco sensual dos pares. Os criados

negros, de túnica verde e clássico fez, não perderam o seu sorriso de marfim.

Há, contudo, muitas transformações no Cairo, segundo nos anunciam os que o conheceram diferente. Assim, um clube aristocrático, mais do que selecto, onde a fina flor da plutocracia mundial jogava o golfe remansosamente, está sendo adaptado a sociedade de recreio para a juventude trabalhadora. Esta é - dizem-me - uma imagem viva da revolução. Tem-se, na verdade, a impressão de que o Governo se inclina para reformas socialistas, embora isso não pareça, à primeira vista, afectar por ora fundamentalmente a estrutura económica do país.

As figuras da rua são as do Oriente levantino. A música do povo é a excitante e langorosa, enervante, melopeia árabe.

Um aspecto que impressiona fortemente o recém-chegado, dando-lhe uma primeira sensação de exaltação colectiva e de patriotismo exacerbado, são os arcos de triunfo - construções de madeira e de cartão, efémeras mas descomunais - que ficaram das recentes festas comemorativas da eleição do presidente Nasser. Chega-se a uma praça e vêem-se os automóveis minúsculos formiguejando por entre as pernas colossais de um soldado de papelão, de carranca voluntariosa, que simboliza, com a sua carabina minaz, a revolução. Numa grande artéria aparece outro arco, encimado este por um friso menos marcial, que representa os soldados ingleses, de dorso curvado e mala na mão, evacuando o Canal. Mais além, a águia do Egipto e um imenso retrato do coronel Nasser.

Vêem-se, de resto, nestes dias perturbados, como é natural, soldados, não apenas em efígie, mas de carne e osso e em grande quantidade, por todo o lado. Soldados e polícias de capacete colonial, fardados de branco e armados com espingardas. A ordem é absoluta.

No seio desta cidade alterada no ritmo lento que o calor de Agosto lhe impõe, encontrei maneira de reservar uma hora para o bazar oriental, sem esquecer os famosos perfumes do Cairo, os de mais raras e delicadas essências. E visitei também as mesquitas sonhadoras, as ruelas tumultuosas da velha cidade árabe, povoadas de escombros e de imundície, mas também de rendados moxarabiés e de figuras exóticas, que no Cairo moderno já raro se topam. Cúpulas turcas em calota esférica, minaretes agudos; penumbra, mármore claros e tapetes escarlates; tectos de cedro dourado, versículos do Alcorão nas paredes; fiéis prosternados sobre as esteiras; jardins com altas palmeiras e hibiscos floridos - tudo isso foi para mim sucessão rapidíssima de fugazes instantâneos. Algumas vezes fui mirado talvez com curiosidade pouco afectiva, mas ninguém me hostilizou. É certo que não tenho cabelos loiros. E depois, o sorriso que eu levava nos olhos, ante tanta beleza, acaso me protegeria, mesmo contra perigos reais.

III. A ATITUDE DO EGIPTO DETERMINA UM MOVIMENTO DE COESÃO EM TODO O MUNDO ÁRABE

CAIRO (Agosto) - A poucos dias da conferência de Imprensa em que Gamal Abdel Nasser anunciou que daria a conhecer ao mundo a resposta do Egipto, o Cairo festejou o novo ano da Hégira.

Parece que os feriados religiosos têm aumentado ultimamente no Egipto e há quem preveja até que a sexta-feira, dia de descanso oficial, venha dentro em breve, como já sucede nalguns casos, a substituir o domingo em todos os ramos de actividade. Essa remuçulmanização austera, extensiva ao ensino e a muitos outros aspectos da vida social, com presumíveis virtualidades drásticas, de que este pormenor é apenas uma expressão, poderia descontentar as minorias ocidentalizadas, com pendor para um discreto cepticismo, ou os núcleos cristãos do mundo árabe, que têm considerável importância numérica na Síria e sobretudo no Líbano. Acontece, porém, que a questão do Suez, exacerbando o sentimento rácico e despertando a consciência de uma unidade de interesses político-económicos, que facilmente pode criar um complexo de interdependência e de suficiência ante os blocos estrangeiros - sobreleva de momento qualquer relutância mais viva que esse misticismo dirigido pudesse provocar. Ele tem, de resto, o consenso do povo e, quer contribua ou não para o seu rápido progresso, representa uma forte arma política, um meio de condução.

Haja ou não haja guerra, uma consequência do clamoroso diferendo se pode desde já assinalar: a coesão das nações árabes, a caminho de um federalismo pleno de perspectivas

dinâmicas no Médio Oriente. Nada deixa, no entanto, afirmar que uma influência soviética, neste momento admissível, tenha condições para se manter. A ilação de simples bom senso que de tudo isto qualquer espectador atento fatalmente tirará é a de que as posições ideológicas são débeis ante os interesses económicos e geográficos e de que nelas depositar excessiva confiança será sempre grosseiro erro diplomático.

Factos indiscutíveis são o acordo económico sírio-jordano, o projecto de unificação das divisas da Síria e da Arábia Saudita, a aproximação egípcio-iraquiana provocada pelo Suez.

Saio do hotel com o sol já alto. À porta, como sempre, a bandada galreira e pitoresca dos guias e dos vendilhões. Na rua há ainda a oferta das mangas e das grinaldas de jacintos entrançados, mas os rostos são já graves e fechados. O calor estonteia. Mesmo tomando quatro duches por dia, o visitante habituado aos climas atlânticos anda permanentemente encharcado em suor.

Uma brisa de lava, de quando em quando, bate-me nos ombros, no rosto, no peito. Só os íbis brancos rasgam a luz de vidro fosco, esvoaçando um instante sobre os sicômoros, para logo se esconderem na ramaria densa de uma acácia gigante.

Acorda-se ao som das cornetas e dos tambores ou quando o ventre mecânico da cidade principia a tumultuar e o marulho denso dos veículos, na atmosfera já abrasada, arremeda a voz do mar.

Para fugir ao calor, nos momentos ociosos, quando não há encontros marcados nem informações a colher - ou a tentar colher - visito de fugida os locais cosmopolitas, onde uma cortina de Epicuro por instantes isola artificialmente das opressivas preocupações destes dias tumultuosos os que parecem ser os favoritos da vida.

No entanto, quer no Covent Garden, perto das Pirâmides, onde à noite se dança e se ouvem canções nostálgicas, por entre a folhagem cravejada de lâmpadas, sob o céu indecifrável das lendas faraónicas, já à beira do esquelético deserto, quer na piscina do Gezira Sporting Club, onde, finda a jornada oficial, alguns diplomatas e os sobejos do antigo regime ou os elegantes do novo se banham à tardinha e descansam em «chaises longues», enquanto a cidade ardente carrega o seu destino sobre os ombros - mesmo aí, nesses pequenos édenes mundanos, que o sorriso discreto parece divorciar das deselegantes explosões emocionais, há quem se precipite sobre as notícias das agências, que continuamente são transmitidas ou sobre o amigo que chega com o que se supõe ser uma novidade. À primeira vista, nada de anormal descompõe os rostos correctamente serenados, especialmente as fleumáticas fisionomias britânicas, mas na própria contenção, no estudado comedimento das atitudes se vislumbra a apreensão.

Dias apaixonantes e intensos... Que matéria romanesca infinitamente rica aqui se pressente, se sonda e se palpa. É uma jovem francesa, de cabelos ruivos, decotada, toda moldada em «sole sauvage», que caminha pela rua Soliman Pachá. Hesitante, detém-se. Que rua procura? Dirige-se a um polícia, mas as explicações que ele lhe fornece em árabe não a orientam. Segue como que ao acaso. Então um homem moreno, com uma camisa «sport», o único traje que este calor desumano consente, aborda-a: «Vous êtes française, mademoiselle?» Ela sobressalta-se. Vejo-lhe o pânico, bruscamente desperto, nos olhos claros. Todavia, trata-se apenas de um solícito egípcio, decerto alheio a qualquer sentimento xenófobo, que amavelmente lhe ensina a direcção que deve tomar. Tantos romances em carne viva! O médico que ficou, fiel à sua missão, separado da mulher e do filho,

que aguardam na outra margem do Mediterrâneo uma evolução favorável dos acontecimentos, para regressarem de uma vilegiatura na Europa. Aqueles que inversamente cancelaram as suas férias, com receio de não poderem facilmente regressar ao Egipto e que não admitem sequer a hipótese de refazer a sua vida noutro lado. O rico judeu anglicizado, sibarita inofensivo e pusilânime, ainda belo, aos cinquenta anos, apesar da beíçola levemente caprina que o compromete, vestido de seda de crocodilo, com a «raquette» de ténis na mão, a dissimular o pavor em bocejos de desinteresse: «Não quero saber da política para nada. Nem as notícias quero ler. O que tiver de ser virá!» Tanto drama perscrutado, tantas orações secretas, tanta angústia que, furtivamente, lampadeja; visagens surpreendidas, sobressaltos ao rebentar de um pneu, ao bater de uma janela, ao estridor de um grito gutural!...

Porém, se este é o íntimo pulsar patético de uma minoria no Cairo, neste histórico mês de Agosto de 1956, há que considerar também o sopro épico que levanta o povo egípcio. Admirar o valor, onde quer que ele se encontre, não implica uma tomada de posição. Eu, que fui sempre avesso, por sensibilidade profundamente liberal, ao militarismo e aos grandes estrondos nacionalistas, não posso recusar ao povo egípcio, disposto a lutar até ao último alento, a sua bravura neste momento. Entre as últimas manifestações mais impressionantes de exaltação patriótica avulta uma mensagem escrita com sangue (a segunda com esse aparato dramático) e assinada por 240.000 operários dos transportes, que não só se declararam mobilizados como se quotizaram para oferecer 10.000 libras egípcias para a barragem de Assuan.

É preciso não esquecer que para o árabe maometano, sobretudo para o «crente» extremista, a vida e a morte não têm o mesmo sentido que para o europeu. Por isso, das

massas árabes se podem a todo o momento esperar as mais violentas - nobres ou cruéis - afirmações de vitalidade desenfreada, desde o massacre horrendo ao holocausto sublime.

Um dos títulos em letras gordas do jornal do Cairo «A Bolsa Egípcia» é «O povo prepara-se para a marcha sagrada».

A explosão do orgulho, queimado ao rubro, vai a tal ponto que o mesmo jornal, acometido de cegueira heróica, fala em se destruir o Canal, na alternativa de uma vitória armada britânica, que acarretasse a sujeição do povo egípcio. E escreve: «Que o Canal vá para o diabo: não estamos dispostos a vender por ele a nossa liberdade e a nossa independência! O Egito não foi criado para o Canal: o Canal é que foi criado para ele!... Não aceitaremos jamais que o Canal seja internacionalizado. Enquanto tivermos uma gota de sangue nas veias não toleraremos que os nossos direitos sejam frustrados, que a nossa soberania seja comprometida, que a nossa liberdade e a nossa independência sejam espezinhadas... Antes de internacionalizar o Canal, os exércitos e as armadas da Grã-Bretanha e da França deverão primeiro aniquilar o povo egípcio e cavar de novo o Canal... Esperamo-los no Canal!»

Eis uma imagem palpitante do estado de espírito em numerosos meios egípcios.

IV. O EGIPTO RESPIRA ENTRE A DÚVIDA E A ESPERANÇA ENQUANTO SENTE ESTREITAR-SE O ANEL DA SOLIDARIEDADE ÁRABE

CAIRO, Agosto - Quando a noite desce, brusca, sobre o Cairo e começam as nuvens graves do crepúsculo a amalgamar-se em sombras pressagiosas, quando as gralhas picam sobre os jardins públicos, em cuja relva, sob as palmeiras sedentas e os sicômoros, se amontoam, em busca de uma frescura relutante, as figuras, sempre estranhas ao nosso olhar, do velho Oriente muçulmano - os ruços cafetãs rasgados, as «djelabas» jaldininas, arregaçadas sobre nudezas escuras; gente descalça, frágeis mulheres de negro, com filhos de peito, rostos mestiços de uma antiga e delicada escultura, tímidos e remotos perfis coptas, lanosas cabeças arrogantes do tipo líbio ou berbere - então, invariavelmente, saio ainda uma vez a pé pela cidade, após as cansaças do dia, quando a sinfonia vesânica dos «klaxons» atinge o extremo e se acendem no Semiramis, no Heliopolis, fulvas borboletas eléctricas, no vórtice de um calor insuportável que se mantém até de madrugada.

Subjuga-me o espectáculo da infinita mescla levantina e africana, túrbida e golfejante, ao longo dos passeios, pelas largas avenidas. Os vendedores ambulantes de café entornam sobre grandes copos, nas esquinas, o líquido baço dos seus enormes e bojudos recipientes de vidro. Os vendedores de flores entrançadas, de cavalos-marinheiros e de compridos punhais embainhados em couro, abordam o transeunte com teimosa insistência.

O trajo oriental, mesmo o fez, que há poucos anos era o distintivo, quase imposto, que assinalava os convictos nacionalistas, está agora quase posto de parte pela classe elevada, desde que Nasser declarou que ele nada significava de específica e necessariamente egípcio. Torna-se assim mais impressionante ainda o contraste entre dois Egiptos, em vias porventura de se fundirem, mas ainda bem distintos: o dos evoluídos e o dos muito pobres.

Uma impressão que as pessoas de sensibilidade agudamente receptiva podem captar à chegada ao Cairo, logo nos primeiros dias ou mesmo nas primeiras horas, aquelas em que se recebem os mais fortes avisos e se intuem as realidades tentacularmente - é o sentimento de instabilidade que domina a população europeia: os Gregos, os Britânicos, os Franceses, os judeus levantinos, famílias que aqui têm as suas razões de viver, os seus bens de fortuna, a sua casa, raízes profundas. Eu adivinhei, de entrada, esse espírito. Não quis, porém, confiar nas minhas antenas de sensitivo. Em volta, tudo calmo. Às vezes, um olhar, como uma seta, lampejando fogo - e noutros olhos, fugidios, o pântano do medo. Mas eram apenas hipóteses psicológicas, sem base concreta. Agora que falei com muitas dessas pessoas, sei que algumas vivem realmente dias torturados. Hesitam em partir ou ficar, devoram os jornais ansiosamente, arreceiam-se do contacto com a turba. Não esquecerão mais estes minutos longos como meses.

Todavia, não creio que tenham grandes motivos para se afligir. Nem um caso de agressão ou desacato se verificou ainda. O clima da rua é perturbante, talvez, em certos momentos, carregado de possibilidades violentas, mas não só a Polícia parece soberanamente forte e disposta a atalhar o menor tumulto, como a razão indica que o Governo tudo fará para evitar algo de semelhante. Com efeito, nada poderia contrariar mais a política do presidente Nasser do que

fornecer às nações ocidentais um argumento moral de tanto peso qual seria uma sangrenta eclosão de xenofobia no Cairo.

Isto diz o raciocínio, mas os nervos falam outra linguagem e os que temem, com ou sem fundamento, pelos filhos ou pelos seus haveres, espreitam a chegada do dia 17 com angústia e terror.

A ameaça da guerra parece menos opressiva, embora o Egipto continue a preparar-se para todas as eventualidades. Enquanto as acácias da Arábia cobrem com os seus dardos, nos parques, silhuetas adormecidas, como fusos parados na nudez dos dias, reúne-se repetidas vezes o gabinete ministerial, sucedem-se os encontros diários do presidente Abdel Nasser com o embaixador soviético Dimitri Kisselev. Nada transpira dos assuntos ventilados, das decisões tomadas. Espera-se. As fontes oficiais são lacónicas. Ao mesmo tempo que a Companhia do Suez, reconhecida pelas nações ocidentais que aspiram à internacionalização do Canal para garantia do futuro, convida os seus empregados não egípcios a pronunciarem-se a seu favor ou pelo novo Organismo de Gestão do Canal, prepara-se no Cairo o grande Congresso Popular das associações árabes, africanas e asiáticas, organizado pela Associação da luta pela libertação dos povos islâmicos. Esse congresso, que se propõe discutir medidas práticas para apoiar o Egipto na questão do Suez, efectuar-se-á na maior praça do Cairo - a Praça da Libertação - e deve causar viva emoção.

O retrato do coronel Nasser vê-se mesmo nas montras dos estabelecimentos e até nas caixas de fósforos.

Dos comentários da Imprensa egípcia à aprazada Conferência de Londres, comentários em que unanimemente se acentua que uma confusão voluntária foi estabelecida entre os direitos do Egipto sobre todas as parcelas do seu território

e a liberdade de navegação no Suez, pode depreender-se que o presidente Nasser não irá à capital britânica. É de supor que faça antes propostas para que o caso do Canal seja discutido no quadro das Nações Unidas. Há quem presuma que só no dia 15 se tornará pública a atitude do Governo egípcio a esse respeito. No entanto, o certo é que o presidente Nasser dará no dia 12 uma conferência de imprensa. É, portanto, admissível que nesse momento esclareça o mundo acerca das suas intenções.

O anel da solidariedade árabe em torno do Egipto vai-se estreitando. Impressionante, pelo seu tom apaixonado, é a «fetwa» (decreto religioso) do grande mufti da Síria, o xeque Abul Iuzr Abdin que, baseando-se em versículos do Corão e do Hodith, proclamou a guerra santa - oJihad - na Síria e no mundo árabe, para apoiar o Egipto e a nacionalização do canal de Suez, aconselhando todos os muçulmanos a armarem-se e a prepararem-se para combater pelo seu país e «conter a intervenção estrangeira». Apesar da união dos países árabes, a nota dominante, através das diversas imprensas nacionais, é ainda, no entanto, a moderação.

Está na linha da política governamental apresentar firmemente o caso do Suez, contrariamente à tese ocidental, que adverte o mundo contra o perigo de uma futura hegemonia árabe no Canal, como uma reivindicação juridicamente irrelevante dos interesses económicos anglo-franceses contrariados. Alguns comentaristas, apontando como facto consumado a nacionalização do Suez, chamam a atenção, considerando a reacção ocidental, para a impossibilidade em que os Ingleses se encontrariam de substituir o petróleo pela energia atómica antes de decorrer um centénio; para a carestia incomportável que representaria o desvio da rota dos petroleiros para o Cabo; para a onerosa e arriscada instalação de «pipe-lines» que suprissem o Canal como via de trânsito. É evidente que um divórcio de graves interesses separa neste

momento o mundo árabe das três grandes potências ocidentais. Como se chegou a essa situação dramática - eis um ponto que brevemente tentarei analisar com objectividade.

V. ANGÚSTIA E EXPECTATIVA

CAIRO, Agosto - Já não posso voltar, pelo menos a pé, à cidade das mesquitas, ao dédalo cinzelado, fumiflante, carregado de perfumes, de murmúrios e de gritos, onde estive na primeira tarde e onde junto das palmeiras, das antigas muralhas zebradas de vermelho pálido, e das rosas, dos hibiscos, dos santuários de ouro envelhecido, esqueci por largos momentos toda a agitação do momento internacional e até que esse fora o motivo que me trouxera ao Cairo.

Paguei - não muito caro, vá lá - o meu gosto incurável de tudo ver e sentir. Num atropelo, há dois dias, fui súbita e violentamente empurrado e ao cair, nem sei como, fracturei um dedo do pé, o que nem sequer tem altura como acidente e me reduz à condição de passageiro de táxi, sujeito às mil e uma voltas que alguns motoristas, dotados de mais rica fantasia, me obrigam amiúde a descrever pelos bairros mais diversos, mesmo quando vou com pressa.

Conheci, graças ao meu acidente, o Hospital Victoria: o seu silencioso pátio, sombreado e sedativo, os longos corredores e a sala de espera, com o cheiro forte dos desinfetantes, a visão das macas e dos lençóis manchados de sangue, os doentes, magérrimos e fuscos, nas suas «djelabas» listradas de azulóio - e um italiano do Norte, há oito meses aqui, recém-casado e longe da mulher, neurasténico, devorado de nostalgia, que me cedeu a vez com prontidão fraterna.

Dei ainda nessa manhã, apesar do estado de choque, uma série de voltas. Fiquei até encerrado, durante minutos, num ascensor caprichoso, sem nenhum orifício para o exterior, de onde finalmente saí para uma espécie de terraço, alta ponte de cimento, num oitavo andar, sobre o Cairo cosmopolita. Resultaram todavia, infrutuosos todos os esforços: estive quase a conseguir uma entrevista com um dos directores do

novo Organismo de Gestão do canal de Suez, mas um telefonema feito, nesse sentido, da Administração de Informação, revelou finalmente que aquele funcionário tivera de ausentar-se...

Aguardo, assim, como todos os jornalistas estrangeiros. Para a conferência de imprensa, solicitei o necessário cartão de entrada, entregando duas fotografias. O interesse pelas declarações de Nasser, entre os correspondentes dos diversos jornais, é compreensivelmente agudo. Próximo da minha mesa, no restaurante do hotel, que tem ar condicionado e onde, não obstante, se transpira abundantemente, costuma sentar-se o enviado especial da «Humanité», um jovem lívido, de rosto ascético e anguloso, olhos de iluminado, mas com a voz suave, e que me recorda (porque assim o concebi fisicamente) o anjo implacável dos «Mandarins» de Simone de Beauvoir.

Os assuntos das conversas são, de um modo geral, a resposta russa e a hipótese, que se me afigura pouco provável, do adiamento da conferência de Londres; a anunciada greve do dia 16 nos países árabes e o grande «meeting» desta tarde na Praça da Libertação. Na rua Kasr-El-Nil soava há pouco um repique de cobs e ouviam-se ondulantes cantos aspirados, profundos, em dois tons. Os estilhaços de sol, entre as sombras dos «buildings», feriam a nuca. O céu está embaciado, com os bordos quase brancos de calor: só no alto da cúpula se vê a nascente do azul. As gralhas e os abutres, que cruzam o firmamento, no seu lento voo planado, rumam para o deserto fulvo ou para os verdes algodoais do Norte; depois retornam à cidade; baixam, no «soco», sobre as vendas atulhadas de azeitonas e de favas secas, ou sobre os vastos jardins, de onde o árabe amodorrado olha o «Rolls-Royce» reluzente que passa e o burrico que tira a primitiva carroça, qual uma grande padiola. Os abutres, voando no céu como

numa sala de espera, são hoje o símbolo da expectativa, nesta hora pungente de suspensão.

De onde virá este vento de fogo? Talvez do Sudeste, da Cadeia Arábica, ou das terras do Alto Nilo, onde - segundo a documentação que me têm fornecido - o tractor substitui agora o búfalo e a tecnização se processa em ritmo veloz. Não poderei já, com este pé que incha e está ficando cada vez mais roxo e doloroso, ir provavelmente conhecer de perto - como era minha intenção - o problema humano de Assuan, onde me dizem que uma aflitiva sub-humanidade se estorce neste momento com 45 graus à sombra, empolgada por uma miséria atávica e terrível.¹

É difícil, extremamente difícil, julgar o caso do Suez de uma forma simples e concludente, à maneira do comentarista de «café»: «Estes ou aqueles têm absolutamente razão». Sou um homem tolerante, com tendência para considerar as realidades em toda a sua complexidade, sempre sob um aspecto plural, capaz de ver assim num conflito, ainda mesmo que nele me sinta comprometido, duas razões, qualquer delas válida, consoante o ângulo próprio de visão. Semelhante atitude, (será sintoma de decadência?), tendendo embora para a harmonia, proíbe a acção linear, que implica uma espécie de cegueira genial. E a história tem sido, até hoje, uma luta de tigres. Reconheço que não sou da massa dos construtores dos impérios. Sou, no entanto, conscientemente, um democrata ocidental e aceito esse meu condicionamento, com todas as suas responsabilidades. A minha perplexidade em face deste conflito não será, aliás, a de muitos homens do Ocidente, que aguardam, com sincero desejo de paz e de entendimento, uma solução conciliatória e digna, sem saberem, na sua inexperiência política, como ela poderá vir?

É de esperar - já todos o pensam - que a Rússia proponha insistentemente em Londres uma nova conferência mundial, com participação dos países do Médio e do Extremo Oriente e das chamadas democracias populares da Europa Central. Nessa conferência talvez o Egipto se dispusesse a aceitar um acordo internacional. Mas poderão acaso a Inglaterra e a França admitir essa conferência, em que teriam contra si uma clara maioria? Poderá, por outro lado, da conferência de Londres, que os amigos «ocasionais» de Nasser vão logicamente perturbar, sair algo de construtivo e bem aceite por todos?

Nesta sexta-feira religiosa, os cânticos muçulmanos ardem nas ruas como velas. Um «meeting» apaixonado, a que assisti, misturado com a multidão, sem compreender embora o sentido das palavras, fez estremecer de paixão a enorme Praça da Libertação. Ficou marcada para o dia 15 uma grande greve de protesto no Cairo.

Estou agora bebendo um «whisky» e ouvindo uma orquestra italiana de dança, que toca «Bongiorno tristezza». São cinco músicos simpáticos, sorridentes, que vivem a sua profissão com amor, à margem de tudo isto. Três pares europeus giram na pista. Um deles beija-se demoradamente. Imagem maravilhosa, neste momento: o frenesim de viver em dois seres que se querem bem e se isolam da violência, do ódio, do medo, na fusão generosa dos seus corpos.

Mas os problemas do momento obsidiam-me. Aqui mesmo continuo a escrever. No campo das considerações morais, há, realmente, que distinguir - isto me parece evidente - entre o Egipto - e tal significa para mim 23 milhões de criaturas humanas, muitas das quais subevoluídas e subalimentadas - e o orgulho agressivo de um homem irredutível, de feitio político autoritário. Há que ver igualmente a diferença, no caso do Canal, entre o direito que assiste ao Egipto de o nacionalizar e as circunstâncias

particulares em que se operou essa nacionalização, um mês após a partida dos soldados britânicos e em resposta à recusa de fundos para a construção da represa de Assuan. Que esta obra tem um alto significado humano e social é indiscutível.

A conferência de Londres representa, porém, uma tentativa de solução pacífica do conflito. Temos, além disso, de considerar outros factores, como a posição francesa em face da Argélia e a natural críspação do amor-próprio britânico. Sobretudo o facto de a Inglaterra e a França, nações vitalmente interessadas na utilização do Canal, não acharem - o que é compreensível - suficiente garantia da liberdade de tráfego, desde já e no futuro, a palavra do coronel Nasser.

Pesada responsabilidade a deste homem. Vindo ao Egipto, trazia a intenção de o entrevistar - não de o louvar ou de o atacar. A sua figura continua, porém, a ser-me estranha. Vê-lo-ei, é certo, dentro em breve, no dia da histórica conferência. Através do seu testemunho - «Filosofia da Revolução» - a sua figura perfila-se no horizonte das recalcadas e excessivas ambições de grandeza. No momento em que tanto se fala em personalismo, Nasser é, sem dúvida alguma, um caso de personalismo. Porém, se o tipo do ditador, como tal, instintivamente me desagrade - e suponho que esta é, com pequenas excepções, uma característica do homem europeu do nosso tempo (no fundo, até as extremas-esquerdas socialistas aceitaram como uma purga o falecido estalinismo), é preciso não esquecer que na Europa e no Oriente os processos governativos não podem ser rigorosamente idênticos. Basta viver alguns dias numa cidade oriental para se imaginar o que seria uma multidão destas à solta. Justificação da ditadura? Não. De modo algum. Mas há que admitir a importância de uma autoridade comedida nestes países e que considerar ainda a necessidade de uma verdadeira evolução social insusceptível de se processar sem um mínimo de vontade. Essa revolução social está-se aqui

dando? Há muito quem a conteste e me fale em obra de fachada e em esforço militar, em privilégios do exército.

Não é, porém, em oito dias que se pode, sobre todos esses assuntos, formular juízos definitivos.

Nem a noite, com a sua gaze de azul diáfano, refresca a cidade. Vou, de automóvel, até à margem do Nilo e sigo pela nova «corniche» que agora prolonga a cidade até uma ponte formidável, com arcos de néon, baixos mas poderosos, sobre o rio. Falta o ar. Passam cafetãs sobre bicicletas e soldados em camiões, esvozeando. Tenho a impressão de cavalgar nas asas de uma quimera e de que as circunstâncias me arrastam para um círculo estranho, sem referências habituais, onde tudo pode acontecer. É, às vezes, angustioso, mas excitante! Dias que queimam mais do que anos!... Um barco amarrado crivado de luzes. Mas deserto. Depois o regresso, a Praça da Libertação, a Gare do Cairo, triste e um pouco sórdida, um cheiro indefinível a bosta, a gordura, especiarias; a estátua colossal de Ramsés; e de novo a rua Fwad, a esta hora sombria. A ansiedade dos homens contagiou as coisas. Tudo estremece nervosamente, tudo insone, carregado de electricidade, nesta noite abrasadora do Cairo...

¹o extraordinário dispêndio feito pelo regime em aquisição de material de guerra, na linha do nacionalismo exaltado, é evidentemente contrário a uma obra social de grande e séria envergadura, embora se lhe não possa também imputar a miséria do Egipto, ancestral e difícil de remover de um momento para o outro.

VI. GAMAL ABDEL NASSER

O menos que se pode dizer, após a conferência de imprensa dada pelo coronel Nasser, é que a crise do Suez atingiu um ponto extremamente agudo. À primeira vista, no entanto - é curioso -, caminhou-se no sentido da concórdia. Entre as últimas palavras de Gamal Abdel Nasser figura inclusivamente a expressão «A porta fica aberta...».

Se atentarmos, porém, lucidamente, na «concessão» do presidente da República do Egipto, inspirada na sua «devoção» pela Carta das Nações Unidas e pelas decisões da Conferência de Bandoeng, veremos até que ponto são compatíveis o seu sentido da dignidade do Egipto (identificado com um nacionalismo árabe, de feição religiosa, encarnado pelo «chefe» e vivido, imediata mas intensamente, pelo povo) e o seu «esforço» - que Nasser afirma sincero - para preservar a paz mundial.

Em que consiste, afinal, aquela concessão?

Na aceitação de uma nova conferência (uma vez que a de Londres lhe aparece viciada pela ameaça e pela imposição dos participantes) em que deveriam estar presentes todos os signatários da Convenção de Constantinopla (sem esquecer os herdeiros do Império Austro-Húngaro) e todos os países, não convocados pelos Três Grandes do Ocidente, cujos navios passam pelo canal de Suez. Nessa conferência se faria, no quadro da O.N.U., ou seja, à sombra de uma aparente legalidade internacional, a revisão do tratado de 1888.

E isto pode parecer razoável à luz de um critério de estrita lógica interna. Simplesmente, isto representa também a refutação absoluta e intransigente de todos os meios de conciliação, tão-pouco exageradamente conciliatórios, propostos pelas potências ocidentais.

Não equacionemos o problema unicamente em termos de direito, no plano das abstrações. A razão - já tentámos explicá-la - é plástica e bifurca-se quando, de parte a parte, se encontram em jogo interesses vitais. Haverá, sim, inevitavelmente, que tomar ou que aceitar, ainda que sem grande entusiasmo moral, uma posição geográfica e histórica.

A argumentação franco-britânica excluiu da Conferência de Londres a Jugoslávia, sucessora naval do Império Austro-Húngaro, e não convidou, à excepção da Etiópia, nações do Médio Oriente, como a Arábia Saudita, o Iraque, o Líbano, etc., por motivo - disse-se - do pequeno volume de tráfego com que elas aparecem no Canal. O Egipto pretende, por seu turno, impor países como a Hungria, que não possuem sequer fronteiras marítimas, e o enxame das nações antiocidentais do Extremo Oriente. Cada um dos dois adversários em litígio luta por vozes maioritárias. Nasser, mais uma vez, não quis recuar nem estender a mão, apesar de uma serenidade de tom que surpreendeu o mundo. Em Londres e em Paris não há rumores de qualquer alteração de atitude. Washington considera a gravidade da situação e confia numa solução pacífica, que poderia sair ainda da Conferência de Londres. Mas... como? - perguntamos todos nós, os que igualmente a desejamos.

O seu rosto pesado, a grenha curta e encaracolada, o nariz grosso descido sobre os lábios, a maxila forte, não possuem elegância nem beleza. Contudo, quando ele começa a falar, o brilho dos seus olhos, a claridade do sorriso transfiguram-no. Um sorriso contínuo, inquietante, por vezes quase diabólico, mas não isento de sedução: um sorriso de herói, tão depressa satânico como jovem, enamorado, ávido, cobiçoso de tudo. Nasser é o tumulto da paixão, uma expressão intensíssima de vida.

A sua entrada na enorme sala circular do Conselho da Nação parecia ter sido preparada: a alta Porta da esquerda iluminada, um silêncio de expectativa e depois a estrondosa salva de palmas desencadeada possivelmente pelos Egípcios disseminados no anfiteatro, mas a que respondeu a maioria dos jornalistas, em número de cerca (para menos) de trezentos (alguns dos convocados não compareceram por já terem abandonado o país e os mais dos presentes representavam jornais favoráveis à posição egípcia), com surpresa relativa do autor destas linhas, profissionalmente ocupado a tomar as suas notas.

A bandeira verde do Egipto, com o crescente e as três estrelas, na parede, por detrás da mesa de honra.

O chefe aclamado estava vestido de azul, com elegância, uma gravata às riscas sobre a camisa branca. Durante toda a conferência, observou uma calma perfeita e uma impecável correcção de maneiras. Não seria exagero dizer-se que, chegou a fazer «charme» ao seu auditório. Em certos momentos, os mais renitentes terão esquecido todas as carabinas e baionetas, todos os militares (favorecidos pelo regime?) que o rodeiam e as acusações que lhes são feitas (daí lavo as minhas mãos, não tendo podido averiguar do seu fundamento) e de que se servem os que o insultam para o comparar a Adolfo Hitler: a criação de uma assembleia nacional puramente ornamental, eleições falsificadas, fomentação do anti-semitismo, ânsia de gestos espectaculares e sobretudo a responsabilidade pelo destino de 17.000 comunistas (paradoxos da época que atravessamos!) e wafdistas internados em campos de concentração e sujeitos a torturas.

Uma figura perturbante esta de Gamal Abdel Nasser. Seria injusto e estulto negar-lhe a grandeza que possui. Admitindo que ele é a chama de um panislamismo de rumo sectário, o coração do nacionalismo árabe - como do seu

depoimento («Filosofia da Revolução») se tem depreendido - ou até mesmo o criador de um novo fascismo com certo aparato socialista, acarinhado transitoriamente pelos países comunistas, mercê da sua posição ante o chamado imperialismo das nações capitalistas - o que não sofre dúvida é que ele tem o dom, avesso à minha sensibilidade pessoal, mas digno de vénia, de absorver as massas.

Entre mesquinhas porções de amor, de glória e de poder reparte-se, vegetativa, cordatamente, a vida habitual dos homens comuns. Alguns há, porém - perturbadores do mundo -, que sentem a vocação da conquista, com maiúscula. Nasser está nesse caso. Não se trata de um fantoche, nem de um ditador de opereta: ele é da natureza dos homens capazes de jogarem tudo numa carta, o que significa, mau grado as consequências dessa forma de valor, em geral pernicioso, «qualidade humana». É o antípoda do intelectual ou do artista de tipo socrático ou hamletiano, que possuem outra espécie de «qualidade»: ele é o homem da acção frenética.

Será sincero no seu apregoado amor pelo seu povo? É difícil sabê-lo. Sabê-lo-á ele próprio?

Sabemos todos tão pouco de nós, confundimos tanto os móveis aparentes com as razões últimas dos nossos actos.

Uma coisa é certa, que aliás não prova ser Nasser um benfeitor: neste momento a generalidade do povo árabe idolatra-o: ele lhe acordou e lhe satisfaz um recalcado desejo milenário de levantar cabeça.

Ouvi numa loja uma conversa furtiva em que se falava de espias e delatores, que o seriam por dedicação ao chefe supremo e não por interesse venal. Pormenor este sujeito, dada a sua fonte, a todas as reservas.

Várias pessoas diziam-me antes da conferência:

- Prepare-se para outra «bomba», Gamal é um valente! (e a tal não ponho reticências).

- Vai ver um jovem cheio de segurança (vi realmente).

- Gamal é por nós. Gamal é bom!

O que é ser bom?, o que é ser mau? Valores de sempre, mas que variam no tempo e no espaço. Há que considerar ainda, num plano menor, a intenção e o efeito. Este último, quer-me parecer que neste caso será desgraçado. Eis uma contenda, de projecção mundial, tanto menos facilmente solúvel quanto mais se exacerbarem os orgulhos nacionais, que surgem precisamente, graças, em parte, à existência do coronel Nasser, no momento em que um convívio quase ameno, embora episódico, segundo a trágica lição do tempo, parecia possível entre dois grandes antagonistas político-económicos. E, no fundo, Nasser, apesar do seu coeficiente de originalidade, é também um fruto das circunstâncias.

Enfim, tento ser objectivo e considerar desapassionadamente a figura do coronel Nasser. Que ele é, como lhe chamou o sr. Anthony Eden, o inimigo público nº1 do Ocidente - isso parece-me incontestável. Em termos práticos: Nasser representa a ameaça ao petróleo, a ameaça à posição estratégica europeia no Médio Oriente, a ameaça a uma civilização que, com todas as suas virtudes e defeitos, é a nossa e que não podemos renegar. As razões, os meios - tudo isso já foi discutido. Volta-se sempre ao mesmo: o Ocidente defende a sua sobrevivência; o Médio Oriente acordou para o nacionalismo. A verdade, porém, é que Nasser não parece também, longe disso, garantia de um progresso material e moral imediato do Médio Oriente. Essa desconfiança pesa também nas consciências.

E, depois de tudo isto, torna a perguntar-se: não haverá ainda outra solução, um meio caminho entre estas duas conferências?

A paz é tão importante! Uma vida humana, não há miragens de futuro que a resgatem, nada pode pagá-la. Também é certo que uma vida humana só na sua superação se realiza dignamente. Por isso os homens lutam e morrem.

Há, porém, outras formas de lutar, à margem dos horrores da guerra. Esperemos. Eu espero ainda. Confio. Não sei já bem em quê. Talvez no absurdo estrutural da guerra - e de uma guerra neste momento - para lá de todas as razões lógicas.

VII. DA REFORMA AGRÁRIA AO GOLPE DO SUEZ, UMA POLÍTICA EM LINHA QUEBRADA

CAIRO, Agosto - Um aspecto altamente importante do Egipto actual, de que ainda não me ocupei a fundo, porque no brasido destes últimos dias me faleciam tempo e condições para uma serena e documentada análise dos problemas, é o da célebre reforma agrária de 1952, que para muitos representa sobretudo exploração demagógica, para outros sério esforço no sentido da elevação do nível de vida do felá e da construção duma sociedade sólida em moldes novos. São do domínio público as afirmações do coronel Nasser - já ultrapassadas pelos acontecimentos - alusivas a um programa de neutralidade e de independência em face dos dois grandes blocos políticos do nosso tempo e a uma correlativa tentativa de compromisso, no campo das realizações internas, entre o capitalismo e a economia planificada, com base em condições especificamente árabes, que seriam a espiritualidade islâmica (valor que o «condutor» egípcio entendia dever salvaguardar dos atentados de um materialismo estranho à natureza do homem muçulmano) e o sentimento de fraternidade do seu povo (forma de compensação das hierarquias por ele consideradas inevitáveis e necessárias). À sombra desta doutrina intervencionista e com altos brados contra a injustiça e a corrupção do regime anterior, se operou no Egipto a transformação do sistema feudal, no domínio da economia agrária. Manteve-se o princípio do respeito pela propriedade privada. Pretendia-se apenas - solução de momento - uma divisão mais equitativa da terra. Compelidos a venderem aos felás o excedente das

suas propriedades, para além de 200 «feddans», ou expropriados, em medida de emergência (o reembolso far-se-ia em valores do Estado, pagáveis num prazo de trinta anos, com um juro anual de 3 por cento), os potentados rurais conservavam, de toda a maneira, uma posição financeira ainda «confortável». Tratava-se afinal de uma socialização mitigada, que não ia praticamente além dos limites impostos à propriedade na Grã-Bretanha ou nos progressivos países escandinavos. Até que ponto a actual conjuntura política pode precipitar e alterar inclusivamente o rumo dessa campanha - eis uma incógnita a que não é fácil responder. Os povos árabes, que são tão sentimentais como violentos, tão poéticos como cruéis, começam a falar, com reconhecimento - sobretudo o Egipto neste momento -, nos seus amigos soviéticos e, com ódio, nos seus inimigos «imperialistas». Em todo o caso é bom não esquecer que a mística nacionalista de Nasser, antes aparentada, em boa verdade, com a ideologia nazi, é profundamente adversa ao comunismo internacionalista («Sonhamos com a glória de uma Nação, mas essa glória é preciso criá-la», palavras textuais da sua «Filosofia da Revolução»).

A reforma agrária apresentava-se, considerada isoladamente, como um indiscutível factor de progresso e de justiça. Cerca de 60 por cento dos Egípcios, com um nível de vida baixíssimo, são agricultores. Um plano cuidadosamente elaborado previa a criação de cooperativas, a distribuição das colheitas e uma orientação técnica de tipo protector, provavelmente compulsiva, em caso de necessidade. No Departamento de imprensa, onde no Cairo se obtém farta documentação ortodoxa e onde se respira uma atmosfera vagamente malsã de propaganda e de idolatria, com muitos retratos de Nasser decorando majestaticamente as paredes, colhi dados precisos, segundo os quais (são legítimas as reservas, mas nada prova também o contrário) o benefício médio anual, por «feddans», do cultivador, desde a reforma

agrária, teria aumentado numa proporção muito considerável (17 libras egípcias antes da repartição das terras; 21,750 apenas um ano decorrido). Outro ponto de suma importância e em que muito se insiste oficialmente é o desvio do capital para a indústria, em consequência da reforma agrária.

Tudo isto parece francamente positivo. No entanto, encontrei no Cairo quem me dissesse, a propósito de nacionalizações, que elas se destinavam, não apenas a elevar o nível de vida do povo, mas a alimentar a máquina política do regime. Noutros meios não dirigidos do Cairo a frase alarmante que em conversa me tem bombardeado com frequência os ouvidos é também de teor bem diferente: «O Egipto, sem uma providencial ajuda exterior, caminha a passo acelerado para a ruína». Porquê? A resposta é extremamente simples. Sete anos de colheitas de algodão - o suporte da economia egípcia - foram comprometidos, por hipoteca, na aquisição de material de guerra à Checoslováquia. A quem imputar a grave responsabilidade dessa iniciativa? Ao coronel Nasser? Ou ao nacionalismo árabe, que ele fomenta e encarna e que lhe empresta a sua auréola de herói? Ou ainda, até certo ponto, aos erros da diplomacia ocidental e sobretudo americana? Tudo isto tinha talvez de acontecer. De uma seara madura nasceu uma espiga de fogo. Ouçamos o coronel Nasser («Filosofia da Revolução»): «Sempre confiei no militarismo. Por vezes, na minha imaginação, parecia-me ouvir o marulho das multidões marchando em fileiras cerradas e ordenadas».

A verdade é que, decidindo a reforma agrária e armando o Egipto, fardando-o, inundando-o de pólvora seca e de palavras bélicas, subindo ao pedestal dos desagrvos estentóreos, Nasser ia simultaneamente, como que movido por uma fatalidade histórica, ao encontro das duas gerações e das duas camadas essenciais do actual povo egípcio: o felá e o

soldado. Assim ele ganhou a sua aura de popularidade e, apesar da sua tremenda violência ou até por causa dela, pois o Árabe venera a força, conquistou a cega obediência do exército e o amor irracional dos miseráveis que, ao longo do Nilo doloroso, continuam a viver em casotas amareladas de lama seca e dele esperam, ansiosos, uma incerta hora de resgate.

Complexa figura a do sorridente coronel Nasser, cheio de luz e de trevas. A História o julgará. Nele parecem aliar-se, na medida em que é possível entendê-lo, a violência militarista e uma delirante ambição de glória a um conceito de perfeição moral e a uma intensa revolta, porventura daninha, mas não destituída de brio, contra os que ele, certamente outrora humilhado, na sua exaltação, vê como os exploradores da sua pátria e da sua terra. Para algumas pessoas até hoje reconhecidamente avisadas, entre as quais alguns jornalistas franceses de primeira plana, Nasser seria apenas um caso de falta de carácter e de megalomania transbordante. Não creio. Observei-o, ouvi-o, li-o. Por muito pouco filosófica que seja a sua «Filosofia da Revolução», por muito contundente que seja o seu exorbitante orgulho, por muito que o personalismo repugne à minha sensibilidade e ao meu feitio democrático, não posso negar que nele vi fulgir uma centelha de grandeza. Até por isso ele é mais perigoso (e não me refiro apenas aos interesses do Ocidente por ele ameaçados, mas ao «seu» Egípto, pois admito - porque não? - que ele o situe míticamente acima de tudo) quando afirma a validade de todos os meios para a consecução dos fins («Hoje como ontem não hesito em derramar o sangue de dez, de vinte ou trinta pessoas, a fim de semear o terror e o pânico na alma dos hesitantes e forçá-los a engolirem os seus ódios, os seus instintos, a sua loucura» - «Filosofia da Revolução»).

Embora as mãos que modelam a História quantas vezes pinguem, sangue, a verdade é que certas frases de Nasser,

para a minha mentalidade e para a da generalidade dos Portugueses, particularmente tolerantes no aspecto humano - creio eu - mesmo quando colocados em campos são simplesmente horríveis. Exemplo: «Confesso que o meu espírito entusiasmado viu, nesse tempo, o assassinio político como a única acção concreta capaz de salvar o nosso país» - «Filosofia da Revolução».

Referi-me há pouco e já anteriormente por várias vezes aos erros da diplomacia anglo-americana no Egipto. O assunto tem sido já analisado. Talvez valha, no entanto, a pena, resumi-lo mais uma vez, apenas nas suas grandes linhas, em função dos presentes acontecimentos. Há dias, em conversa com um egípcio ocidentalizado e amigo do ocidente, bastante céptico e capaz de raciocínio frio, dizia-me ele, enquanto um criado negro nos servia café gelado: «Os Ocidentais perderam o Egipto por falta de visão americana». E eu não soube que responder-lhe. Lembrei-me de Jefferson Caffery, que assistiu à revolução e ajudou a ascensão de Nasser, o qual paradoxalmente lhe aparecia então como um possível laicizador do Egipto, um Ataturk no Cairo. E toda a perspectiva então se desenhava aos meus olhos: a atitude moral americana depois de Gaza, o ataque israelita a Khan Younés; o sobressalto de Nasser ante a morte dos quarenta e cinco oficiais e soldados, catástrofe que vinha lançar a perturbação no exército árabe e afectar o seu prestígio. As posições egípcias tinham sido demolidas; alteavam-se vozes, pondo abertamente o dilema: armarem-se ou capitularem. Nasser, entre a sedução e a ameaça, para se aguentar, joga na dubiedade política, cariciando sucessivamente o Ocidente e o Leste Europeu. Pede armas ligeiras aos Estados Unidos para o Exército de Gaza. Negoceia durante meses. Promete vinte e sete milhões de dólares. Mas os Americanos exigem o

pagamento imediato. Os incidentes na fronteira de Israel prosseguem. Nasser avisa os Americanos: «Se não me dão armas, dirijo-me aos Russos». Os Americanos, tendo prestado reais serviços ao Egito e sabendo que o regime de Gamal Abdel Nasser era anticomunista, que os comunistas se encontravam inclusivamente presos em campos de concentração, julgaram-se senhores da situação, na ilusão de que o jovem coronel jamais se dirigiria aos Russos. A previsão falhou. O moral do Exército de Gaza agravava-se. Os Americanos não deram a Israel a palavra de ordem que significaria o apaziguamento definitivo. E uma magnífica partida oferecia-se à União Soviética: o Médio Oriente. Sem tomarem em linha de conta a política interna de Nasser, os Russos, fiéis a um sentido de realismo diplomático, foram mais hábeis que os Americanos. Vieram depois as «démarches» falhadas de George Allen. Nasser hipoteca o Egito à «Cortina de Ferro». Depois ergue-se a questão da barragem de Assuan.

Nasser abre praça e mercadeja os fundos necessários, tentando obter as máximas vantagens, ora voltado para o Banco de Fomento Internacional e para o bloco anglo-saxónico ora para a União Soviética. A Rússia, porém, antevê uma deterioração progressiva da situação, favorável aos seus interesses, e parece abandonar Nasser, pretextando a impossibilidade de arcar com todas as responsabilidades de tão vultoso investimento de capital.

Os Estados Unidos, então, por sua vez, tentam uma demonstração espectacular: desdenhando os pedidos de Nasser, desta vez quase suplicante, resolvem dar-lhe uma lição e provar-lhe que o jogo duplo nem sempre resulta. Estava aberto o caminho para o golpe do Suez. E Gamal Abdel Nasser não tardaria a gritar: «Hei-de ter a *minha* barragem!»

Tudo se precipitou, depois; tornaram-se públicas e oficiais as posições de intransigência. Três prestígios se chocam perante o mundo: o do binário anglo-francês, o do Egipto, o da Rússia. Todavia, apesar das alusões de Chepilov, na Conferência de Londres, ao alastramento de uma guerra no Médio Oriente, parece cada vez mais evidente que não só os Estados Unidos e a União Soviética não desejam um conflito armado, como a própria Inglaterra e a França, defendendo e querendo justificar a sua posição, em dado momento assaz enérgica e estridente, tão-pouco pretendem desencadear qualquer acção militar. Pretendem, contudo, fazer vingar a sua tese, apresentada por Foster Dulles, para o que contam com uma maioria favorável. Mas, nos bastidores de Lancaster House, Krishna Menon e o coronel Sabry conferenciam a sós. A hipótese de entendimento continua remota. As notícias de Londres ecoam, como bombas, ao longe, surdamente, no Egipto. Nasser recusa o «contrôle» internacional. Admite (o que ainda pouco adianta) a viabilidade de uma séria discussão do alvitre de Sir Claude Cocea. Porém, na poeirenta e ardente cidade do Cairo a mobilização não cessa; fazem-se de noite exercícios contra eventuais ataques aéreos; e o povo egípcio, profundamente compenetrado da ameaça real duma guerra, graças à propaganda e à acção de uma imprensa excitante, vive, tensa e exaltadamente, estes dias angustiosos.

Os absolutos só idealmente existem. Tudo na vida são verdades de relação. Um ser humano é bom ou mau, alto ou baixo, forte ou fraco, consoante a sua situação e o seu interlocutor. O que o rodeia lhe define a medida. As suas dimensões físicas e morais são fruto de comparação e de distância. Assim os preparativos guerreiros do Egipto podem ter parecido, vistos de longe, uma comédia, aos olhos dos que friamente hajam ponderado a rápida eficácia (hipótese cada vez mais arredada) de uma operação bélica franco-

britânica que, a verificar-se, só logicamente poderia ter surgido de surpresa (e haveria ainda que ter em conta a possibilidade, que tudo modificaria, de um apoio soviético, com pronta criação de bases no Médio Oriente). O que desejo, porém, assinalar é que a estatura do Egípcio, talvez ridiculamente pequena nessa avaliação racional, aferida em termos de poder militar, a milhares de quilómetros de afastamento, cresce, quando observada de perto. Fora do campo das considerações políticas, no Cairo a perspectiva é outra: o Egípcio ganha o seu tamanho natural de homem. Não se altera a probabilidade dos acontecimentos. Simplesmente, ele é, ao perto, o homem comum, tangível, sincero na dor, no despeito e na cólera (não uma das muitas peças do tabuleiro político), manobrado embora, embriagado com discursos, mas com veias, com músculos, com lágrimas, com fúria, com orgulho e com ódio. No Cairo, esse arrebatamento colectivo, essa nevrose geral aparecem como fenómeno nada ridículo, com a sua margem de brutalidade, a sua cegueira vital, a sua capacidade de sacrifício.

VIII. UMA OBRA SOCIAL AMBICIOSA MAS HIPOTÉTICA

CAIRO, Agosto - Há muito já que o crescente, lívido, espreita, ancorado no firmamento, o doloroso milagre do crepúsculo. É a hora em que os muçulmanos se prosternam, mesmo dentro das suas lojas, neste bairro de Zamalek, e escutam, voltados para a Meca, a melodia de fogo da Arábia do Profeta, pátria do Corão. Um negro obeso, talvez sudanês, acororado na rua, junto de um «Chrisler» sumptuoso, com uma calota cor de amêndoa na cabeça, o corpanzil borrachudo, cónico, crespindo-lhe em pregas gordurentas a «djelaba» branca, permanece imóvel, como um ídolo, desde que aqui entrei. Em que pensa? Porventura, como todos os homens simples deste mundo, nas miúdas preocupações pacíficas de uma vida elementar, pouco mais que digestiva. Quem sabe, porém, se na sua quietude de estátua vai registando todas as entradas e saídas, à semelhança de outros porteiros e criados, de cuja função «vigilante», em prédios e hotéis, já fui advertido por mais de um jornalista europeu, com experiência do meio.

Mais uma noite cai, a última que passarei no Cairo, sobre a cidade que o sol inclemente devastou. Verberam ao lusco-fusco os vidros das janelas. No espaço agónico os sons do ocaso transfundem a tinta dos azulejos dos minaretes otomanos. Não tardará a noite eléctrica a sacudir de estremeção a metrópole levantina. Mas este é ainda o momento árabe do recolhimento e da perfeição interior. Quantas vezes tenho pensado nos contrastes do islamismo, que ao longo dos séculos engendrou terríveis furores colectivos, levedações cruéis de proselitismo religioso e, ao mesmo tempo, nobres existências de serena meditação, de puro exercício espiritual.

Há pouco ainda, deambulando pelas vielas que cruzam a grande artéria de Soliman Pachá, onde o espantinho da guerra se ergue, ameaçador, na figura de um gigantesco soldado de madeira, da altura de cinco andares, arremessando uma granada, vi, com certa nostalgia de despedida, os narguilés, os garotos viciosos correndo a limpar os automóveis, mesmo em andamento, na esperança de um óbolo, as escuras mulheres sinuosas, já sem véu, belas nos seus andrajos negros, lembrando palmeiras; os pedintes lacerados, os mestrisais pacientes lavrando em couro aplicadamente os círculos ornados com plumas reais, que eram o símbolo de Deus noutra Egipto (esse bem morto); toda esta raça de bronze misterioso e a sua língua estrídula que eu não entendo, um momento do Cairo enfeitado, o Cairo sarraceno de hoje e de há mil anos. O Europeu é olhado, não há dúvida, nalguns locais, com orgulhosa antipatia, ou ignorado de um modo perturbante, em que se adivinha a palavra de ordem e a animosidade contraída, mas não faltam ainda lojas, como as dos antiquários, por exemplo, onde o mercantilismo manhoso e sorridente, igual ao dos tempos lendários do sapateiro Maruf, continua a acolher-nos, enfática e pressurosamente, à margem das paixões políticas.

Despedida do Cairo... O último dia é sempre aquele em que a beleza das coisas já perdidas e apenas entrevistas se nos revela mais agudamente. De relance, perscrutei a igreja copta do Cairo e pela última vez estive mirando o Nilo, vermelho de Agosto, o rio do nascimento dos deuses; numa corrida veloz até às rochas e às dunas, fui ainda dizer adeus à Esfinge, mulher e fera, símbolo astronómico da inundação fecundante, que tem - só agora nitidamente o notei - o tipo copta, estranho e gracioso, quase mongólico. Mas depressa forcei o meu espírito, sempre enamorado de enigmas e de tesouros perdidos, a divorciar-se do segredo aliciente dos mitos faraónicos, da graça quase nua, tão casta e esvelta, das

esculturas egípcias. Não: o que neste momento importa no Cairo é o presente. Que impressão formidável esta do latejar da história, tão aparente, nestes dias! Tudo isto - os arames farpados, os polícias armados à porta da Marconi, o alarme e a hesitação dos residentes estrangeiros, a atmosfera tensa que se respira nas repartições oficiais, a vida artificial dos que, febrilmente, nas chamadas do prazer tentam furtar-se, por momentos, ao medo e à angústia; o êxodo das mulheres e das crianças franco-britânicas (partiram hoje, com as mães, para cima de dezassete crianças no avião da T.W.A., via Roma); até as minhas conversas sumárias com os motoristas de praça, adoradores de Nasser, o deus vivo, ou com os «garçons» de restaurante, gregos políglotas, solidários, à margem do pormenor político, com esta terra onde habitam - tudo isto são imagens caleidoscópicas, maiores ou menores, de um momento crucial do nosso tempo.

Neste salão estilo Império, discretamente verde e ouro, e aberto para um terraço, onde, sorvendo uma coca-cola gelada, estou esperando o meu antigo amigo de Paris Helder de Mendonça e Cunha, agora encarregado de Negócios de Portugal no Cairo, que em todas as circunstâncias aqui me prestou o maior apoio e que sempre vi, fiel ao estilo de vida que é o seu, impecavelmente sereno, ponderado, elegante e corajoso, aqui mesmo, enquanto a noite se cerra e as borboletas fosfóreas entram pela varanda, deito ao papel estas regras apressadas.

Não quero partir sem me referir, embora com as reservas que a duração da minha visita e as circunstâncias actuais, pouco propícias a minuciosas indagações, necessariamente impõe, a um programa de realizações aqui em curso, deveras digno de interesse, pelo carácter das suas ambições, ainda que pouco adiantado na prática. Refiro-me ao programa do Conselho Permanente dos Serviços Públicos, que anuncia, nas suas linhas gerais, a luta contra a doença, a miséria e a

ignorância. Comporta esse plano projectos tão importantes como o combate à tuberculose (que a execução dessa alínea é um facto, posso atestá-lo, pois averigui a verdade do aumento considerável de leitos para os tísicos); construção de hospitais para doentes mentais - iniciativa importantíssima, pois há no Egipto, segundo os próprios algarismos oficiais, além de 20.000 alienados, cerca de 40.000 doentes mentais e uma legião imensa de «doentes nervosos» - e para cancerosos (cerca de 35.000 pessoas morrem, por ano, no Egipto, com o cancro). Premedita-se também a criação de um Instituto do Cancro, que seria o primeiro no Egipto e no Oriente. Outros projectos respeitam à segurança pública (criação de postos de Polícia na província); ao magno problema egípcio do abastecimento de água; e à protecção aos intelectuais, protecção que se sente, no entanto, «dirigida» (construção de residências de estudantes e restaurantes universitários). Outro ponto do plano sobremaneira importante é o que se refere ao proletariado manual e que consiste, sobretudo, em habitações para operários, em larga escala. Tudo o que toca, porém, os problemas do operariado, parece no Egipto um tanto ambíguo, sendo difícil conciliar certas frases inflamadas de apostolado social, quase ou mesmo «esquerdistas», com a absoluta e terminante proibição da greve e o modo como são reguladas as relações entre operários e patrões.

Além destas grandes directrizes já traçadas, o Conselho Permanente dos Serviços Públicos está a estudar, em pormenor, um plano para os próximos dez anos. Um dos aspectos mais curiosos da sua acção é a tentativa de criação de uma orgânica original, uma subdivisão social de todo o território egípcio em zonas de 15.000 habitantes, servidas por centros sociais, a fim de dotar as populações rurais de serviços sanitários, sociais, agrícolas e culturais e também de catequese política (esta é a nota antidemocrática).

Esses centros sociais «polivalentes», que estão já a ser construídos em muitas aldeias (pensa-se na criação de 1.000 centros em cinco anos), representam, de toda a maneira, como ideia, com as suas virtudes e defeitos de base, um caminho de autêntico progresso, dado o imenso atraso económico e cultural do Egipto. Incumbir-lhes-á, além da sua «acção política», lançar as traves mestras do ensino, da higiene pública, do urbanismo, etc. Neles serão ministrados aos felás ensinamentos sobre apicultura, sericicultura, culturas de frutas e de árvores, pequenas indústrias, etc. Cada centro deverá possuir, além de outras instalações eventuais, uma sala de reuniões, uma biblioteca, habitações para os funcionários, uma maternidade, uma escola para as crianças, com separação de sexos. À noite, após as duras fainas do dia de trabalho, os camponeses frequentarão o Centro.

Servem de fundo a esta empresa os bens confiscados pelo Estado. O programa prevê uma utilização de todas as possibilidades de autoprodução dos Centros, a fim de eles poderem vir a contribuir para as despesas que o seu funcionamento acarreta. Quando o Centro atingir essa situação ou quando já só necessitar de uma subvenção limitada, será considerado como propriedade dos habitantes da região, que terão então - em princípio - a faculdade de o gerir segundo um sistema de cooperação em que todos participarão. Mas será sempre um especialista de questões sociais, superiormente designado, que assumirá a presidência.

Contrariamente, porém, há quem suponha que a participação do povo nessa actividade social, dadas as características políticas do regime, não pode deixar de ser praticamente nula. A verdade é, no entanto, que, de momento, o seu atraso o torna pouco capaz de escolha e de opinião. Mais desejos do que realidades? Há a considerar também que o regime tem apenas quatro anos. A embriaguez da propaganda e do militarismo virão a relegar para segundo plano estes

objectivos sociais e económicos em tantos pontos merecedores de aplausos? É certo que o número de estátuas, em maquetas e fotografias, e a ideia de glória nacional nelas sempre presente, lembra as grandes revoluções fascistas do nosso tempo, o seu descaminho e o seu triste desenlace. A ressurreição nacional do Egipto teria - é óbvio - de fazer-se mais tranquilamente. De modo a evitar traumatismos, mas com firmeza, deveria efectuar-se, paralelamente, a industrialização, sempre melindrosa, nestes países, graças à qual o nível de vida se elevaria. Nasser, porém, nas asas do seu sonho, quer andar depressa. E por esse caminho, quando a dádiva não surge, é a miragem da conquista que no horizonte ruboresce...

Só o futuro poderá dizer se o coronel Nasser e os militares que o rodeiam e ocupam os mais altos cargos públicos conseguirão, e como, realizar os seus objectivos...

IX. CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE NO PAÍS DAS PIRÂMIDES E DO CANAL

Quando remontamos, no curso do tempo, para além dos cultos pagãos e das luxuosas idolatrias, aparece-nos, muitas vezes, em povos atrasados, uma noção, depois perdida, de unidade divina, amiúde desfigurada pelo sonho e pela superstição (encontramos também tradições universais, como a da árvore da vida e, sobretudo, a do Dilúvio). O agrupamento dos deuses em trindades é fenómeno frequente. Acaso o antigo Egipto, em cujo azul firmamento vogavam, na imaginação popular, em barcas doiradas os três seres supremos, teve, anterior ou mesmo paralelamente, o sentimento de uma só entidade, princípio e resumo de tudo. Osíris, Ísis e Órus (pai, mãe e filho: três forças da natureza no mito solar), Osíris, Rá e Set (o poder, o bem e o mal) eram as expressões maiúsculas da ideia de Deus. Progressivamente foi-se povoando a corte celeste de fabulosas criaturas bifformes, como depois o Olimpo grego de heróis e deuses menores e de anjos e santos o melodioso dossel cristão, sobranceiro às chamas eternas do inferno.

Da insignificância do indivíduo ante a divindade, dá-nos bem a medida a descomunal estatura dos templos e túmulos egípcios. O gratuitismo esmagadoramente grandioso, jamais igualado, das suas construções religiosas afirma ainda hoje a importância da vida espiritual, fecundada pela fé e pelo mistério, nas realizações artísticas verdadeiramente monumentais. As esculturas prodigiosas da grande época de Amenófis III e de Ramsés II são o símbolo de um Egipto

que morreu, findo o seu ciclo de civilização, mas que deixou ao futuro, além de uma arte e de uma ciência para todo sempre maravilhosas, e sobre as quais os séculos se têm debruçado, um legado político-religioso perigoso e fascinador: a deificação do chefe.

No Vale do Nilo, berço de cultura, terra de tirania e submissão, o faraó era deus.

Nem só a riqueza voluptuária do Egípcio deslumbrou os conquistadores. A coroa do deus vivo, como arma política e como satisfação do orgulho, sorriu a Alexandre e a César, como antes deles sorrira já a Senaquerib e a Esarhaddon, aos invasores etíopes e a Cambises da Pérsia.

Depois dos Ptolomeus, o que restava do velho Egípcio helenizado aceitou passivamente os domínios sucessivos de Romanos e Árabes, de Turcos e Ingleses.

O cristianismo e o Islão, que, na sua essência, exaltam a dignidade do indivíduo, ofereciam ao mundo antigo, em crise de cepticismo e de revolta, uma esperança de democracia, bem cedo obscurecida, e, acima de tudo, uma resposta à incógnita suprema do destino do homem. Por isso a Cruz e o Crescente repartiram o mundo, absorveram civilizados e bárbaros.

Uma nova época de autonomia egípcia abre-se no século X com o califado Fatímida. Enquanto os Abássidas de Bagdad soçobram na lascívia e na inteligência especulativa, com todas as subtilezas e hesitações das eras de decadência, remoinham no Cairo, em ânsia de conquista, os Muçulmanos da bandeira verde, agravando as relações entre a Cristandade e o Islão. O fanatismo progride: dois séculos transcorridos, Saladino apodera-se de Jerusalém e veda aos francos o acesso ao Santo Sepulcro.

Depois são as cruzadas, os ataques dos piratas africanos às ilhas gregas e ao Sul da Itália. Até que os Portugueses, vivendo, por seu turno, uma áurea aventura, descobrem o

caminho marítimo para a Índia e arruinam, de chofre, o Oriente. Dois grandes factos, nesse período, afectam o Egipto: a investida turca de Selim, que inaugura mais uma ocupação estrangeira; a destruição da armada de Mir Hossem, diante de Diu, por D. Francisco de Almeida, que representa o termo da riqueza do Egipto no alvorejar da Idade Moderna.

Porém, só em 1798 o Ocidente acomete o Egipto pelas armas. Trata-se, aliás, ainda, de uma investida sem continuidade. O exército napoleónico desembarca em Alexandria e a vitória das Pirâmides faz de Bonaparte um efémero senhor do Egipto. Estava aberto ao Egipto o caminho do Ocidente e ao Ocidente o caminho da História, das fontes da Humanidade.

Mas, é só verdadeiramente em 1869 que o Ocidente se instala no Egipto e nele constrói, num rasgo genial de Ferdinand de Lesseps, o seu grande monumento, rival das Pirâmides: o canal de Suez. Já então, o comércio levantino principiava a tripudiar no antigo solo, agora letárgico, dos faraós e do aguerrido califado Fatímida.

Em pouco mais de uma década os Europeus, astuciosamente, assaltaram as melhores posições económicas, conquistaram privilégios, introduzindo, é certo, no Egipto que sugavam, as benfeitorias da sua civilização. Dois imperialismos - o inglês e o francês - que poucos anos depois haviam de chocar-se aparatosamente em Fachoda, no Alto Nilo, espreitavam a pátria extinta das religiões. O lema combativo de Arabi Pachá (um coronel também), rebelde à transigência epicurista dos descendentes de Mehemet Ali, não tardaria a ressoar do Mediterrâneo à fronteira do Sudão: «O Egipto para os Egípcios». E eis que os canhões do almirante Seymour, chamado pelo Kediva, bombardeiam Alexandria, provocando, com a fuga de Arabi, a horrível

chacina dos europeus pela população, pretexto para a ocupação britânica do Egipto.

A primeira vista, salta aos olhos o paralelo de certos factos de então e de agora. Parece que se chocam de novo o nacionalismo egípcio e o imperialismo das grandes nações coloniais europeias. Há, porém, que ter em conta que o canal de Suez, fulcro da questão, não é só o marco simbólico da civilização ocidental no Egipto, nem somente o veículo do petróleo do Médio Oriente, com importância vital para a sobrevivência económica da Europa, ameaçada sobretudo na pessoa nacional da Inglaterra: ele representa, acima de tudo, «um bem do mundo», de todo o mundo, e não pode, nem deve, como tal, ficar discricionariamente entregue a um Estado, seja ele o mais puro de intenções.

Por outro lado, é um facto que se encontra, de novo, o Islão em fase de recuperação. Gamal Abdel Nasser, que encarna o patriotismo egípcio e repete o grito de Arabi, desta vez com ressonância e audiência mundial - senhor supremo do Egipto, quase divinizado pela propaganda (o deus vivo do antigo reino dos faraós), apoiado nas baionetas do seu exército, lança o olhar ávido e luminoso dos conquistadores nómadas sobre o Norte de África ebuliente, ataca o mesurado e esclarecido Habib Burguiba, apoia os insurrectos da Argélia, institui o ensino obrigatório do Corão até nas escolas católicas do Cairo. Os seus brados nacionalistas ecoam fortemente na Síria e no Líbano, e encontram ouvintes entusiásticos na Arábia Saudita, na Jordânia, no Iémen, na Pérsia e mesmo no Paquistão.

A Inglaterra e a França já se penitenciaram praticamente do impulso irreflectido, de orgulho ferido (e não apenas de orgulho, mas de ventre - o que é, senão muito elegante, pelo menos historicamente compreensível), que levou as suas esquadras prematuramente ao Mediterrâneo Oriental.

O plano ocidental apresentado na Conferência de Londres toma já em devida conta a soberania do Egipto sobre todo o seu território e, graças, em grande parte, ao comedimento dos Estados Unidos e à acção dos países árabes «conciliadores», esforça-se por poupar a susceptibilidade melindrada do presidente Nasser e do seu povo. Admite-se unanimemente o direito do Egipto ao benefício decorrente dos direitos de passagem e a necessidade de assegurar a livre circulação pelo canal de Suez, assim como a sua manutenção e desenvolvimento. Consiste o problema ainda em aberto - sério problema - em harmonizar os pontos de vista divergentes sobre um ponto fundamental: a fiscalização do Canal. A oposição indiano-soviética ao plano de Foster Dulles não deixa dúvidas sobre a atitude que o Egipto, que já explorou o «slogan» «colonização internacional», vai assumir. Nova conferência? Como, onde e quando? No âmbito da O. N. U.? A França e a Inglaterra opor-se-ão. Um resultado muito positivo teve já esta Conferência de Lancaster House: o de afastar a ameaça de uma guerra, que nem Americanos, nem Russos - os dois grandes pesos na balança militar - parecem desejar. É de prever, porém, que falhem, no próximo acto deste complexo drama político, as negociações diplomáticas «particulares». Logicamente, as dificuldades que subsistem devem acabar por aplanar-se. Uma solução de fachada. Todas as dilações fortificarão a nascente amizade arábo-soviética, que de dia para dia se estreita, mas cujas consequências é ainda difícil antever. Ao lado de Krishna Menon, o loiro Chepilov, agnóstico e materialista, aparece neste momento aos olhos dos Muçulmanos como um cavaleiro andante do Crescente, defensor exaltado da apregoada independência total do bloco árabe. Os Ocidentais salvarão a face, conseguirão, de um modo ou de outro, garantias da navegação em todo o tempo

aberta no Suez. Mas o seu prestígio no Médio Oriente não
estará definitivamente comprometido?

Índice

Nota Prévia	3
I. Escala em Beirute	5
II. «Só um Milagre Evitará a Guerra»	11
III. A Atitude do Egipto Determina um Movimento de Coesão em todo o Mundo Árabe	18
IV. O Egipto Respira entre a Dúvida e a Esperança enquanto Sente Estreitar-se o Anel da Solidariedade Árabe	23
V. Angústia e Expectativa	28
VI. Gamal Abdel Nasser	34
VII. Da Reforma Agrária ao Golpe do Suez, uma Política em Linha Quebrada	40
VIII. Uma Obra Social Ambiciosa mas Hipotética	48
IX. Choque de Civilizações entre o Oriente e o Ocidente no País das Pirâmides e do Canal	54